



LETRAMENTO DIGITAL NA BNCC: A CULTURA DIGITAL NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA

Amanda de Jesus Oliveira Santos (PG)

amandajesussantoos@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás – Campus Campos Belos

Resumo: O termo letramento permeia o contexto educacional direcionando um novo olhar para o processo de aquisição da leitura e da escrita em diversos campos. Em plena era digital, o letramento alcança o ambiente virtual. No espaço digital, letrar vai além do simples ato de aprender a manusear um computador ou aprender a digitar. Configura-se uma prática socializante; um processo de inclusão digital. As tecnologias digitais permeiam a maior parte das práticas de leitura e escrita que se desenvolvem na atualidade e a escola deve e precisa garantir espaços para o desenvolvimento dessas práticas. Em razão disso, é imprescindível compreender o letramento a partir das mediações tecnológicas no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Nessa medida, o presente artigo, busca analisar como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) concebe o letramento digital e o estudo e produção dos gêneros digitais no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Como aporte teórico foi utilizado Brasil (2018), Coscarelli; Ribeiro (2007); Marcuschi (2002); Sabota; Reis (2014), Soares (2008), Toschi; Anderi (2010). Os resultados da pesquisa indicam que a BNCC, aprovada em 2017, contempla o letramento digital como competência/habilidade a ser alcançadas ao longo da Educação Básica.

Palavras-chave: Letramento digital. Gêneros Digitais. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. BNCC.

Introdução

Com o advento da escrita, a qual permitiu ao homem registrar suas experiências e conhecimentos, a tradição oral perdeu espaço como único meio de comunicação. A leitura, além de se impor como um novo arquétipo de decodificação e interpretação dos signos linguísticos, representou uma forma de resguardar e disseminar a cultura.

Ciente dessa potencialidade, o ser humano, ao longo da história, buscou desenvolvê-la e, conseqüentemente, criar novas formas de leitura. Com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), evidente nos computadores e internet, emergiram novos gêneros e formatos textuais, bem como uma nova forma de interação entre as pessoas: a interação virtual.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Imersa nesse contexto e visando alcançar os novos leitores, a escrita ultrapassou a modalidade impressa, ganhando as telas dos computadores, *tablets* e celulares e fazendo deles seus novos suportes. Tanto no campo impresso quanto no digital, quando se fala em texto de imediato lembramos do leitor. “O leitor é parte fundamental do processo de leitura, uma vez que é ele quem completa o significado do texto ao realizar a leitura” (SABOTA; REIS, 2014, p. 31). Entretanto, no ambiente digital, a leitura não é o único meio do leitor contribuir com a semântica do texto. Nesse espaço, o leitor interage de forma dinâmica com o texto, sendo possível redigi-lo, recriá-lo e compartilhá-lo.

Análoga à relação leitor/texto, a leitura é outro aspecto indispensável. O que é ler no campo digital? Ler é muito mais que decodificar palavras, decifrar códigos, aprender digitar palavras e dominar uma tecnologia. Como nas outras formas de leitura, a leitura digital configura-se uma prática social, haja vista que é necessário apropriar-se da leitura e da escrita enquanto habilidade discursiva em diversas situações sociais de uso da linguagem.

Nesse viés, o trabalho ora proposto busca analisar esse fenômeno de apropriação da leitura e escrita que se desenvolve no campo digital. Se letrar é muito mais que alfabetizar, o letramento no ambiente digital extrapola o uso da escrita e leitura. Trata-se de um processo de alfabetização e inclusão digital, o qual não pode ser despercebido pela escola. Para isso, é realizada uma análise da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aprovada no final do ano de 2017, afim de compreender as características da inserção da linguagem digital no currículo escolar de Língua Portuguesa quanto às propostas de trabalho com os gêneros digitais ao longo do Ensino Fundamental.

Resultados e Discussão

LETRAMENTO DIGITAL: UMA PRÁTICA SOCIALIZANTE

A definição de letramento, como se nota, em geral está associada a cultura impressa. Designa uma prática que vai além do saber ler e escrever. Segundo



Soares (2003) apud (PEREIRA, 2007, p. 15), “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto no qual a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida das pessoas.” No caso do letramento digital não é diferente, o mesmo também busca efetivar as práticas sociais que usam a leitura e escrita, no entanto, por meios e modos diferentes, já que os textos contam com os suportes digitais.

Com a emergência das novas tecnologias, especialmente com a vulgarização da internet, a qual deixou de ser privilégio das grandes empresas e tornou-se acessível para a maioria das pessoas, a leitura salta para a esfera digital. Com o computador, tornou-se possível não apenas a leitura e pesquisa, mas a comunicação síncrona entre duas pessoas distantes, a realização de cursos on-line, momentos de lazer e muitas outras atividades (COSCARELLI; RIBEIRO, 2007, p. 8).

Segundo Coscarelli; Ribeiro, (2007, p. 10), letramento digital “é o nome que damos então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever).” Para Frade (2007, p. 60), o termo letramento digital, compreende tanto a apropriação de uma tecnologia, quanto o exercício efetivo das práticas de escrita que circulam no campo digital. Trata-se de uma prática socializante, uma vez que possibilita o uso da tecnologia e absorção de conhecimentos múltiplos. Por isso, o acesso à essas ferramentas e aos gêneros digitais não deve ser negado a nenhum indivíduo.

Consoante João Thomas Pereira, o letramento digital precisa ir além do aprender a acessar o computador e seus recursos. É preciso vivenciar a inclusão digital, “processo em que uma pessoa ou grupo de pessoas passa a participar dos usos e costumes de outro grupo, passando a ter os mesmos deveres dos já participantes daquele grupo em que está se incluindo. (PEREIRA, 2007, p.15)

Em outras palavras:

[...] precisamos dominar a tecnologia da informação, estou me referindo a computadores, *softwares*, internet, correio eletrônico, serviços, etc., que vão muito além de aprender a digitar, conhecer o significado de cada tecla do teclado ou usar um mouse. Precisamos dominar a tecnologia para que, além de buscarmos a informação, sejamos capazes de extrair conhecimento. (PEREIRA, 2007, p.17)



Nessa medida, Pereira explica que a exclusão digital, também denominada de analfabetismo digital, configura-se o grande desafio das escolas, educadores e da sociedade civil (PEREIRA, 2007, p.13), visto que, para vivenciar esse novo mundo letrado o aluno precisa aprender a manusear a tecnologia e, especialmente a tê-la como meio de se interagir/comunicar com mundo, absolver e produzir conhecimento.

GÊNEROS DIGITAIS: VELHAS FUNÇÕES, NOVOS SUPORTES

Como mencionado, as novas tecnologias da informação e comunicação possibilitarem tanto uma nova forma de interação entre o leitor e texto, como também o aparecimento de novos gêneros e formatos textuais. Tal como evidencia Marcuschi (2002, p. 1), esses gêneros não são inéditos, mas já estão provocando polêmicas no que tange à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social, pois competem, em importância, nas atividades comunicativas, ao lado da imagem e do som.

Embora se caracterizem pela versatilidade, já que englobam simultaneamente variadas formas de linguagem (imagem, texto, som), os gêneros textuais digitais têm sua gênese em gêneros tradicionais ligados à escrita e oralidade. Prova disso, é o gênero *e-mail*, serviço eletrônico que, essencialmente, tem a mesma função de uma carta, todavia, tem a *internet* e não o papel como suporte.

Hoje, com a emergência da internet e das redes sociais, percebe-se que os gêneros e os suportes seguem se reconfigurando, o que explica o uso generalizado do *facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*, os quais além de possibilitarem a comunicação em tempo real com pessoas diferentes e de diferentes lugares, promovem o armazenamento e compartilhamento de dados e informações, bem como, de conhecimentos.

Outro aspecto característico dos gêneros digitais repousa sobre a escrita. Segundo Marcuschi (2002, p. 5), os mesmos são centrados na escrita, uma vez que, dependem totalmente dela. Diante dessas inovações, nota-se que “as escolas não



devem, não podem e não querem ficar de fora desse novo mundo de possibilidades” (COSCARELLI; RIBEIRO, 2007, p. 8), já que esses gêneros nos propiciam uma “interação altamente participativa” (MARCUSCHI, 2002, p. 4).

Nessa perspectiva, afim de alcançar o letramento digital e para se tornar um lugar “mais acessível e real” (COSCARELLI, 2007, p.40) três aspectos são indispensáveis às escolas. Primeiro, o uso das tecnologias como instrumento pedagógico; segundo, aprender sobre a leitura nas telas dos computadores; e, por último, saber produzir esses gêneros emergentes.

O LETRAMENTO DIGITAL NA BNCC: DOS GÊNEROS IMPRESSOS À CULTURA DIGITAL

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), prevista na Constituição de 1988, na LDB de 1996 e no Plano Nacional de Educação de 2014, trata-se de um documento de cunho normativo que determina as competências essenciais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo da Educação Básica.

Mendonça Filho, ministro da educação, no prefácio da obra supracitada, diz que a mesma trata-se de “um documento plural, contemporâneo, que estabelece com clareza o conjunto de aprendizagens essenciais e indispensáveis a que todos os estudantes, crianças, jovens e adultos, têm direito” (BRASIL, 2018, p. 5). Por isso, as escolas e instituições de ensino, públicas e privadas, devem tomar o documento como referência durante a elaboração dos seus currículos e ações pedagógicas.

Fugindo do caráter conteudista, na BNCC, as aprendizagens devem assegurar ao estudante o desenvolvimento de dez competências gerais, as quais, na instância pedagógica, compreendem os direitos de aprendizagem e desenvolvimento que visa a construção de conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades e a formação de atitudes e valores ao longo das três etapas da Educação Básica, a saber, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio (BRASIL, 2018, p. 8).



Dentre as competências postuladas, a competência de número cinco evidencia a atenção do documento para com as várias linguagens, especialmente as relacionadas ao campo digital, como vemos a seguir:

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 9)

No exceto, nota-se que ao inserir o estudo da linguagem digital no currículo escolar, a BNCC prevê não apenas o uso das novas tecnologias da comunicação e informação, mas o letramento digital, uma vez que, entende tanto a necessidade de saber manusear as tecnologias quanto a importância de fazer desse uso uma prática social, isto é, uma forma de interagir com o outro e produzir conhecimentos significativos no plano individual e coletivo.

Na BNCC, o Ensino Fundamental, está organizado em cinco áreas do conhecimento (Linguagens, Matemática, Ciências da natureza, Ciências humanas e Ensino Religioso), as quais, dialogam com os conhecimentos e saberes dos diferentes componentes curriculares (BRASIL, 2010 apud BRASIL, 2018). Segundo o documento, “cada área de conhecimento estabelece competências específicas de área, cujo desenvolvimento deve ser promovido ao longo dos nove anos”. (BRASIL, 2018, p. 28). Assim, para assegurar o desenvolvimento destas, cada componente curricular apresenta um conjunto de habilidades. Estas, estão relacionadas a diferentes objetos de conhecimento (conteúdos, conceitos e processos), os quais são organizados em unidades temáticas.

A BNCC do ensino Fundamental além de transmitir uma ideia de continuidade, uma vez que as experiências vivenciadas na Educação Infantil devem ser valorizadas na primeira fase do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) e, as aprendizagens construídas nesses anos iniciais devem ser desenvolvidas e aprofundadas nos anos finais (6º ao 9º ano); reconhece que os estudantes, especialmente os adolescentes, possuem singularidades e estão inseridos numa cultura digital que se impõe como uma nova forma de se relacionar com o mundo. Em razão disso, e, reconhecendo as significativas mudanças sociais provocadas



pela cultura digital, a BNCC contempla o estudo dos gêneros digitais, afim de assegurar o uso democrático e consciente dessas tecnologias.

No currículo de Língua Portuguesa, o estudo dos variados textos deve proporcionar aos alunos experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, possibilitando a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2018, p. 65)

Conforme a BNCC:

Não se trata de deixar de privilegiar o escrito/impresso nem de deixar de considerar gêneros e práticas consagrados pela escola, tais como notícia, reportagem, entrevista, artigo de opinião, charge, tirinha, crônica, conto, verbete de enciclopédia, artigo de divulgação científica etc., próprios do letramento da letra e do impresso, **mas de contemplar também os novos letramentos, essencialmente digitais.** (BRASIL, 2018, p.67, grifo nosso)

Nesse viés, em Língua Portuguesa, do 1º ano ao 9º do Ensino Fundamental, a abordagem do letramento digital, permeia todas as práticas de linguagem (oralidade, leitura/escuta, produção escrita/multissemiótica, análise linguística/semiótica), desenvolvendo-se de forma contextualizada. Além de se organizar em eixos, os quais estão intrinsicamente relacionados com as práticas de linguagem ora mencionadas, a BNCC organiza o currículo de Língua Portuguesa em campos de atuação, espaços onde se dão as práticas de linguagem.

Segundo o documento, esse tipo de organização “aponta para importância da contextualização do conhecimento escolar, para a ideia de que essas práticas derivam de situações da vida social e, ao mesmo tempo, precisam ser situadas em contextos significativos para os estudantes” (BRASIL, 2018, p. 82).

Esses campos de atuação se organizam em cinco categorias, são elas: Campo da vida cotidiana, presente apenas nos anos iniciais do Ensino Fundamental; Campo artístico-literário, Campo das práticas de estudo e pesquisa, Campo jornalístico/midiático e Campo de atuação na vida pública.

Se na BNCC as competências e habilidades de um componente curricular dialogam com as outras áreas de conhecimento, com os gêneros digitais não poderia ser diferente. “A cultura digital perpassa todos os campos, fazendo surgir ou modificando gêneros e práticas. Por essa razão, optou-se por um tratamento

transversal da cultura digital, bem como das TDIC¹, articulado a outras dimensões nas práticas em que aparecem” (BRASIL, 2018, p. 83).

Assim, à guisa de conclusão, é importante salientar algumas habilidades do currículo de Língua Portuguesa que concorrem para a promoção do letramento digital no Ensino Fundamental.

Quadro 1 – Habilidades proposta para o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa

Ano escolar	Habilidade
1º e 2º Ano	(EF01LP23) Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, entrevistas, curiosidades, dentre outros gêneros do campo investigativo, que possam ser repassados oralmente por meio de ferramentas digitais, em áudio ou vídeo, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.
3º, 4º e 5º Ano	(EF03LP18) Ler e compreender, com autonomia, cartas dirigidas a veículos da mídia impressa ou digital (cartas de leitor e de reclamação a jornais, revistas) e notícias, dentre outros gêneros do campo jornalístico, de acordo com as convenções do gênero carta e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.
6º ao 9º Ano	(EF05LP15) Ler/assistir e compreender, com autonomia, notícias, reportagens, vídeos em <i>vlogs</i> argumentativos, dentre outros gêneros do campo político-cidadão, de acordo com as convenções dos gêneros e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.

Fonte: Elaboração própria conforme dados coletados na BNCC (BRASIL, 2018)

Ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental, espera-se que os estudantes já conheçam e saibam usar os variados gêneros que circulam nos campos de atuação, visto que, nos anos finais do Ensino Fundamental contempla

¹ Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação.



somente o estudo aprofundado dos mesmos. Nessa etapa, privilegia-se os gêneros que fazem parte da esfera pública, principalmente os do campo jornalístico-midiático.

Considerações Finais

No trabalho em questão, vimos que o letramento digital figura-se como prática socializante, uma vez que, ultrapassa o simples ato de saber ler e digitar em um computador. Evidenciou-se, que letramento digital compreende o ato de usar a leitura e a escrita digital como formas de apreender e compartilhar conhecimentos significativos.

Como a escrita digital, vem se impondo na sociedade atual como uma nova possibilidade de comunicação e produção, a escola não pôde se esquivar dessa realidade. Por isso, destacou-se tanto a importância das tecnologias da comunicação e informação e dos gêneros digitais, quanto as formulações da Base Nacional Comum Curricular para o trato com a linguagem digital.

Desse modo, fica evidente que a BNCC além de privilegiar o estudo dessa nova forma de linguagem, o qual organiza-se de forma híbrida, permeando todas as áreas de conhecimento e anos escolares, prevê um estudo dos gêneros digitais de forma contextualizada, já que as condições de produção desses gêneros não se desvencilham das práticas que objetivam o letramento no campo digital.

Agradecimentos

Agradeço a Universidade Estadual de Goiás por promover o CEPE, evento que valoriza a pesquisa e as demais produções voltadas para o ensino e extensão, possibilitando a socialização e troca de experiências. Agradeço ao curso de Pós Graduação Lato Sensu da UEG – Campus Campos por ofertar disciplinas voltadas para as tecnologias digitais e cibercultura, tendo em vista seu uso na educação. Professora Luciana Nogueira, minha orientadora na pós graduação, a qual embarcou comigo nessa viagem rumo à compreensão do letramento digital na BNCC.

Referências



BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educar é a base**. Comitê Gestor da Base Nacional Comum Curricular e reforma do Ensino Médio. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

COSCARELLI; Carla Viana. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2007.

COSCARELLI; Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. Apresentação. In: _____ (orgs). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2007.

FRADE, Isabel Cristina A. da Silva. Alfabetização digital: problematização do conceito e possíveis relações com a pedagogia e com aprendizagem inicial do sistema de escrita. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. USP, São Paulo, 2002.

PEREIRA, João Thomaz. Educação e sociedade da informação. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2007.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2007.

SABOTA, Barbara; REIS, Iremar Sebastião dos. **Leitura e as novas mídias digitais: pensando o novo**. In: Diálogos interdisciplinares em educação, linguagem e tecnologia. Organizadores: Ariovaldo Pereira, Veralúcia Pinheiro, Sandra Elaine Aires de Abreu. Anápolis: UEG, 2014.

SOARES, Magda. In: BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

TOSCHI, Mirza Seabra; ANDERI, Eliane Gonçalves Costa. **Ler na tela é ler imagem**. In: leitura na tela: da mesmice à inovação. Mirza Seabra Toschi (org). Goiânia: ed. da PUC Goiás. 2010.